

A REDENÇÃO ELEGÍACA DE MEDEIA NAS *HEROIDES*, DE OVÍDIO

MEDEA'S ELEGIAC REDEMPTION IN OVID'S *HEROIDES*

Matheus Trevizam*

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Neste texto, intentamos mostrar como a caracterização de Medeia na epístola XII das *Heroides* de Ovídio aproxima-a não só de suas “companheiras” da mesma obra, mas, também, da figura dos jovens apaixonados, como os vemos no gênero da elegia erótica romana. Assim, algo raro na literatura latina, essa personagem de “consumada criminoso” se apresenta, aqui, sob cores até menos negativas que as de Jasão, o amado perjuro, cruel e desumano a traí-la; na sequência do mito, pois, o infanticídio e o extermínio da família real de Corinto configuram-se, para Medeia apaixonada, como consequências do erro *alheio*.

PALAVRAS-CHAVE

Heroides de Ovídio, elegia erótica romana, paixão, personagens, Medeia

INTRODUÇÃO: SINOPSE DO MITO DE MEDEIA

Mito dos mais trabalhados pela tradição em Grécia e em Roma antiga, Medeia não deixa, por isso, de ser uma personagem controversa:¹ a lenda básica as envolvê-la diz respeito à história da princesa colca, que trai e abandona a pátria e a realeza para seguir humilde no enalço de Jasão, chefe dos Argonautas por quem se enamorara. Esse jovem, com frequência descrito como muito belo na literatura antiga,² era, na verdade, um

* matheustrevizam2000@yahoo.com.br

¹ Sobre a face altamente metamórfica de Medeia ao longo da tradição antiga, recomendamos, especialmente, as obras: RINNE. *Medeia: o direito à ira e ao ciúme*, p. 37-96; BRUNEL *Dicionário de mitos literários*, p. 613-619.

² *Et casu solito formosior Aesone natus/ illa luce fuit: posses ignoscere amanti.* – “E, por acaso, mais belo que o normal o filho de Éson/ estava naquele dia: poder-se-ia perdoá-lo à amante.” (OVÍDIO. *Metamorfoses*, VII 84-85.) (minha tradução)

príncipe originário da Tessália (Iolcos), cujo acesso ao trono paterno fora indevidamente espoliado pelo tio Pélias. Quando resolveu reclamá-lo, assim, deixou os cuidados do centauro Quíron, o responsável por sua educação, e foi incumbido por Pélias de trazer-lhe o velocino de ouro antes, enfim, de obter os direitos de soberania política que lhe cabiam.

Essa pele de carneiro mágica, justamente, encontrava-se na Cólquida sob a tutela de Medeia, feiticeira (ou sacerdotisa de Hécate)³ vinculada ao conhecimento das ervas, de forças infernais e da fertilidade no reino bárbaro. À chegada de Jasão e dos demais Argonautas à corte de seu pai, o rei Eetes, este o incumbe de perigosas provas para que possa ter o velocino, como enfrentar os flamejantes touros brônzeos dados a ele pelo deus Hefesto e lutar contra os guerreiros nascidos da terra a partir da sementeira dos dentes do dragão outrora morto por Cadmo. Como o herói grego não saberia sair-se vitorioso dessas tarefas sem algum auxílio, Medeia, então já apaixonada por Jasão, protege-o extremosa com preparados de ervas e encantos, tendo, inclusive, obtido dele uma promessa de casamento caso o viesse a favorecer.⁴

Com a ultrapassagem segura dos perigosos obstáculos impostos por Eetes, Medeia e o amado apoderam-se do velocino – pois ela, com suas artes, fizera adormecer o dragão responsável por guardá-lo – e partem em fuga para Iolcos, não sem serem perseguidos por seu pai: no caminho, assim, matam-lhe o irmão, Apsirto, para que, preocupado em recolher os pedaços esparsos do cadáver do filho, o rei da Cólquida não os alcançasse.

Na volta de Jasão para a Grécia, Medeia segue-o como companheira, depois de Iolcos, para Corinto. Na primeira cidade, como Pélias se negava a entregar o trono ao sobrinho mesmo depois de cumprida a prova que determinara para ele – trazer-lhe o velocino –, a mulher trai as filhas do velho rei e faz com que o despedacem vivo e lancem num caldeirão fervente a fim de “rejuvenescê-lo”.⁵ Depois de refugiados em Corinto, onde se estabelecem como um pacato casal por alguns anos e procriam dois filhos, desenrola-se a parte mais conhecida do mito dessa heroína. Referimo-nos ao episódio do infanticídio que a teve como protagonista, vingando-se quando o ex-companheiro opta pelo casamento com a jovem filha do rei Creonte.

Apesar do que pretende fazer-nos crer o hábito, a história de Medeia não se encerra com o fulminante extermínio dos meninos – e de toda a família real coríntia, apenas restando vivo Jasão para ruminar sua dor até morrer esmagado por uma viga podre da nau Argo –, pois, ao evadir-se desse lance em miraculoso escape no carro de seu avô, o Sol, ela ainda encontra asilo em Atenas, onde se casa com o rei Egeu, tem com ele outro filho (Medo) e tenta envenenar o príncipe Teseu, de retorno à pátria após anos em viagem.⁶

³ Hécate, deusa associada à Lua nova, revestia-se de caráter ambíguo na cultura grega arcaica, segundo observa RINNE. *Medeia: o direito à ira e ao ciúme*, p. 48: ao mesmo tempo identificável com a morte/ocaso e com os terríveis poderes infernais das trevas, era também a outra face de divindades primaveris (como a “benfazeja” Deméter), contendo em si mesma as sementes do mal e do bem.

⁴ A habilidade para a fala sedutora caracteriza Jasão, além de na epístola das *Heroides* a ter Medeia por “autora”, como veremos a seguir, mesmo na produção épica de OVÍDIO. *Metamorfoses*, VII 94-97.

⁵ OVÍDIO. *Metamorfoses*, VII 297-349.

⁶ BRUNEL. *Dicionário de mitos literários*, p. 614.

Sendo descoberta em novo ato de violência, Medeia e Medo precisam ainda refugiar-se em outra cidade, e, segundo uma versão do mito, retornam à Cólquida natal, onde ela restitui o trono usurpado a seu pai, Eetes. Enfim, também reconquistam outras terras perdidas pelo poder colquidiano e estabelecem, portanto, as bases lendárias do antigo reino da Média.⁷

A CONDIÇÃO DO AMOR ELEGÍACO NA LITERATURA LATINA

Em termos da condição e do espaço vital que reivindica para o sentimento amoroso, a assim chamada elegia erótica romana merece esclarecimentos que lhe justifiquem as peculiaridades. Conforme direcionamentos de sentido de algum modo perceptíveis desde o ciclo catuliano de Lésbia,⁸ notamos, na elegia típica – sobretudo em Sexto Propércio e Álbio Tibulo, seus mais canônicos praticantes –, a ênfase total no plano da experiência amorosa. Em Propércio, por exemplo, segundo um modelo genérico e estrutural amiúde retomado com variações também em Tibulo e Ovídio (*Amores*), vemos a figura de um jovem poeta-amante, cuja mais importante “ocupação” no mundo fictício identificado com o *corpus* de sua obra corresponde a cantar as desventuras do amor à personagem de Cíntia.⁹

Esta, com frequência descrita como mulher muito atrativa (vaidosa e dotada de características físicas apetecíveis, capaz de desimpedido movimento em meio a uma sociedade complexa e refinada como a romana dos tempos do poeta – séc. I a.C. –, culta e conhecedora das letras...),¹⁰ também se reveste de algumas características más, pois ainda sabe ser, conforme dela comenta o *corpus* properciano, volúvel, desmedida em suas exigências para com o infeliz amante, perjura, cruel...

Curiosamente, essa ambiguidade da bela constitui um dos próprios alicerces do gênero tratado: faz parte, com efeito, do jogo elegíaco que o poeta-amante permaneça à exaustão “preso” a um objeto do desejo com tais características, de modo a, simultaneamente, *deleitar-se* e *sofrer* nas malhas do amor.¹¹ Desse modo, “hipnotizado” por uma perigosa figura de mulher descrita como de invulgar e justa capacidade para atrair, o apaixonado sujeita-se voluntário a sofrer contínuas humilhações, dores e angústias apenas para desfrutar de algo do bem que ela tem eventualmente a oferecer-lhe.

Para maior agravo da má situação em que se encontra um “Propércio” ou um “Tibulo”, tal escravidão passional à *puella amata* preenche *todos os espaços possíveis de sua existência*. O apaixonado elegíaco típico, assim, enebriado da moça, nada mais pode fazer a não ser amá-la ou celebrá-la *exclusivamente* em seus poemas: disso resulta, inclusive, que a atuação

⁷ BRUNEL. *Dicionário de mitos literários*, p. 614.

⁸ “Lesbia non è una cortigiana, come le donne cantate dai predecessori ellenistici, e l’innamorato invece di condurre il gioco è in balia dei capricci dell’amata: Catullo, quindi, rovescia i rapporti convenzionali e nel conferire alla donna un ruolo centrale nell’ambito della sua poesia le accorda al tempo stesso una dignità sinora sconosciuta.” (FEDELI. *Bucolica, lirica, elegia*, p. 91.)

⁹ GRIMAL. *La littérature latine*, p. 331ss.

¹⁰ CARDOSO. *A representação da mulher na poesia latina*, p. 271-277.

¹¹ FEDELI. *Bucolica, lirica, elegia*, p. 110.

em esferas humanas mais “úteis” – sobretudo a da guerra e a da política em sentido lato, como tomada de responsabilidades de envergadura coletiva no seio da cidade – lhe esteja vetada por sua própria escolha.¹² Em se tratando dos temas literários recorrentemente incorporados à elegia, o da *recusatio* (“rejeição”/ “recusa”...) dá conta dessa dimensão de total exclusivismo do amor no que se refere a seus sentidos “vitais” ou poéticos. Assim, estando de todo absorvido em vivenciar as pequenas alegrias ou grandes angústias do amor, o apaixonado se recusa com todas as forças a ser um verdadeiro soldado em campo de batalha, negociante ou algo útil que o valha, mas também, sem ter olhos a não ser para esse específico componente de sua vida, reproduz tal ênfase na insistência em fazer-se ocioso celebrante da paixão.¹³

Entretanto, o isolamento em semelhante “bolha” experiencial¹⁴ não pode eximir o amante assim moldado das usuais repreensões sociais cabíveis para todo agente de rebeldia: sabemos que a cultura romana esperava do homem “de bem” a postura da atividade¹⁵ e do autocontrole em todos os pontos de sua vida.¹⁶ Seria duplamente condenável, então, confessar-se à mercê de uma mulher e, ainda, cometer o “excesso” de reconhecer às claras a própria paixão, em detrimento de valores mais práticos.

Ora, no primeiro caso, como que se invertem as regras do jogo entre os sexos tal como comumente praticado naquela sociedade, pois, fora das barreiras do restrito universo elegíaco quase sempre se contava, entre os romanos antigos, com a prevalência do homem nas decisões e mecanismos de exercício do poder. Juridicamente, assim, o *pater familias* permanecia como autoridade máxima em assuntos de família mesmo após o casamento dos filhos adultos,¹⁷ e, nas casas, cabia pelos costumes ao marido ser acatado e servido acima de quaisquer outras vontades. Nas relações íntimas, a “superioridade” do homem livre estava em jamais adotar papel passivo, sujeitando a esse plano “inferior” os seres

¹² “Every literary genre is obliged to manifest itself by this reduction of the world to a partial field of vision, but the genre of elegy seems to be the most complete realization of such a systematic codification, if only because elegy performs this operation explicitly and consciously, and makes it the very pivot of its poetics. The elegiac poet establishes his identity as diversity, asserts that he is enclosed within part of the world (let us call it love for now) which seems to him to be self-sufficient and to contain in microcosm all that is necessary for a full life. But the “model of the world” that is thereby proposed, if confronted with reality, will turn out to be partial and will clearly reveal its ideological lines of force.” (CONTE. Love without elegy: the “Remedia amoris” and the logic of a genre, p. 37.)

¹³ FEDELI. Bucolica, lirica, elegia, p. 110-111.

¹⁴ Cf. nota 12.

¹⁵ “Una tale ripresa di posizione, che assume un valore programmatico a causa dell’identificazione di scelta di vita e scelta di poesia, si colloca agli antipodi della morale tradizionale romana: impegno politico, superiorità indiscussa dell’uomo sulla donna, distacco dalla passione d’amore vengono sostituiti da atteggiamenti di segno opposto (disimpegno politico, condizione di ‘seruitium’ dell’innamorato nei confronti della sua ‘domina’, accettazione delle pene d’amore), che divengono addirittura gli argomenti prediletti del canto elegiaco.” (FEDELI. Bucolica, lirica, elegia, p. 109.)

¹⁶ VEYNE. O império romano, p. 184-186.

¹⁷ “Uma particularidade do direito romano que surpreendia os gregos era que, púbere ou não, casado ou não, um menino permanecia sob a autoridade paterna e só se tornava inteiramente romano, “pai de família”, após a morte do pai; ainda mais: esse era seu juiz natural e podia condená-lo à morte por sentença privada.” (VEYNE. O império romano, p. 38.)

então destinados a ele por sua desvantagem também em outros polos da dinâmica social, como as mulheres e os escravos de um e outro sexo:¹⁸ a esse respeito, o termo ofensivo *pathicus* (um tanto eufemisticamente, “afeminado”) prendia-se a raízes gregas e latinas em direto vínculo com a ideia de ser aquele a suportar, não a agir, em se tratando da experiência do prazer erótico.¹⁹

Sobre o amor passional a alguém, podemos com certeza dizer que o mundo romano antigo o condenou como *vício*.²⁰ Essa maneira de desejar o outro como se lhe entregássemos as rédeas de nossa vida sempre se teve em Roma como provável móvel de desgraças: basta evocar o mundo cômico, com as frequentes desventuras de jovens heróis nas mãos de cortesãs, muitas vezes, inescrupulosas e treinadas para aproveitar financeiramente dos ardores que sabiam despertar.²¹ As fabulações trágicas e exemplos “históricos” em circulação, por sua vez, também advertiam mais a sério para os riscos da paixão: apenas aludindo ao testemunho grego de uma Fedra, incorrigível enamorada de Hipólito,²² a lenda romana de Lucrecia, esposa de Lúcio Tarquínio Colatino, e de Sexto, filho do rei etrusco Tarquínio, o Soberbo, tal como descrita por Tito Lívio, exemplifica bem o caráter funesto da chama amorosa. Segundo a obra desse historiador latino (livro I, capítulos LVII-LIX),²³ a fala do marido diante de outros homens enaltecendo os dotes da honesta e bela esposa despertou no príncipe Sexto, que depois vê Lucrecia pessoalmente na cidade de Colácia, forte interesse e o desejo de possuí-la. Aproveitando-se, então, da ausência dos homens da casa, certo dia ele retorna a esse lugar e se hospeda com mentiras junto de Lucrecia, que, em seguida, é violada. Do sentimento de desonra dessa mulher, enfim, veio-lhe a revelação do ocorrido ao esposo e o pronto suicídio, que se pretende um dos motores da histórica revolta dos romanos contra a dominação etrusca, motivando a queda da realeza estrangeira e o início do período republicano autóctone na Cidade.²⁴

Nos casamentos, por sua vez, as demasiadas demonstrações de afeto entre os cônjuges não eram estimuladas pelos “bons costumes”, sob o risco de “ensinar” a castas esposas (e maridos) os perigos da volúpia:

¹⁸ “Tal escravagismo constitui um machismo: possuir e não ser possuído; os jovens se desafiavam num estilo fálico. Ser ativo era ser macho, qualquer que fosse o sexo do parceiro passivo; havia, pois, duas infâmias supremas: o macho que leva a fraqueza servil a ponto de colocar a boca a serviço do prazer de uma mulher e o homem livre que não se respeita e leva a passividade (‘impudicitia’) ao ponto de se deixar possuir. A pederastia, sabemos, constituía um pecado menor, desde que fosse a relação ativa de um homem livre com um escravo ou um homem de baixa condição; as pessoas divertiam-se com isso no teatro e vangloriavam-se disso na alta sociedade.” (VEYNE. O império romano, p. 185.)

¹⁹ *Pedicabo uos et irrumabo, / Aureli pathice et cinaede Furi*, – “Meu pau no cu, na boca eu vou meter-vos, / Aurélio bicha e Fúrio chupador.” (CATULO. *O livro de Catulo*, p. 80, poema 16, v. 1-2. (grifos nossos)

²⁰ “Quando um romano se apaixonava loucamente, seus amigos ou ele mesmo consideravam ou que perdera a cabeça por uma mulherzinha devido a um excesso de sensualidade, ou que moralmente caíra em escravidão; e, dócil como bom escravo, nosso enamorado oferecia-se a sua senhora para morrer, se ela assim lhe ordenasse.” (VEYNE. O império romano, p. 186.)

²¹ GRIMAL. *La littérature latine*, p. 94.

²² SÊNECA. *Fedra*, p. 207ss.

²³ TITO LÍVIO. *Ab Vrbe Condita Libri – Liber I*, p. 190-201.

²⁴ Cf. nota anterior.

Pouco a pouco, Ovídio descobre e revela a seus leitores que, quando combina harmoniosamente ternura e gratidão, o amor basta para preencher uma vida e criar entre dois seres um laço duradouro. Suponhamos, conforme ele sugere sem o dizer, dois esposos que chegassem a essa revelação, que aliassem à compreensão recíproca uma atenção constante, que confiassem menos nas leis que na delicadeza e no prazer para garantir a estabilidade de seu casamento – esses esposos não seriam felizes? Felizes porque em primeiro lugar seriam amantes. As convenções da moral romana impediam-no de proclamar isso, que para ele parece uma verdade da experiência, mas é a lição que se destaca de toda a sua obra. O amor dos amantes, um amor humano, levado à plenitude, é descrito sob mil formas nas *Metamorfoses* e nas *Heroides*. (...) Assim também as *Heroides*, que são cartas fictícias atribuídas às heroínas da lenda, emprestam aos apaixonados de antanho os sentimentos analisados em *Amores* e *Arte de amar*: Penélope, Ariadne, Laodâmia pensam e sentem como cortesãs – mas porque o amor das cortesãs é o que melhor permite chegar à plenitude e à verdade da paixão.²⁵

Assim, podemos dizer que, se as amantes e esposas abandonadas das *Heroides* “sentem como cortesãs”, nas palavras de Grimal, algo parecido ocorria com suas contrapartes masculinas da elegia properciana e tibuliana, por exemplo. De fato, como temos tentado ao menos evocar ao longo destas breves linhas, aqueles jovens e bem-nascidos cavaleiros romanos da literatura não abdicavam de trazer explicitamente a valorização do amor à tona,²⁶ amor esse, além de descrito como intenso ao extremo, ainda vasto o bastante, como vimos, para ocupar toda a sua vida.

AS *HEROIDES* DE OVÍDIO E A EPÍSTOLA DE MEDEIA A JASÃO

As *Heroides* (ou *Epistulae Heroidum* – “Cartas das Heroínas”) são uma curiosa coletânea em que lendárias figuras de amantes ou esposas, eternizadas pelo imaginário greco-romano, dirigem-se individualmente e de maneira lamentosa aos objetos de seu amor;²⁷ apenas não correspondem textualmente a essa definição as epístolas de Páris a Helena (XVI, contraponto da epístola de Helena a Páris – XVII), de Leandro a Hero (XVIII, contraponto da de Hero a Leandro – XIX) e de Acôncio a Cidipe (XX, contraponto da de Cidipe a Acôncio – XX).

Nas cartas, tais mulheres, retratadas mais de uma vez pela grande literatura antiga (caso de uma Dido, desejosa de Eneias e protagonista do comovente canto IV da *Eneida* virgiliana, de uma Penélope, a fiel esposa de Ulisses na *Odisseia* homérica, de uma Briseida,²⁸ dada como despojo de guerra a Aquiles na *Ilíada*...), dirigem-se a parceiros invariavelmente ausentes²⁹ a fim de requisitar-lhes a presença e, sobretudo, extravasar as dores de terem sido abandonadas por motivos alheios ou não à vontade deles. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que se delineiam nos versos das *Heroides* os contornos de amores fortemente

²⁵ GRIMAL. *O amor em Roma*, p. 163.

²⁶ Cf. nota 12.

²⁷ GRIMAL. *La littérature latine*, p. 335.

²⁸ “Ide ao Pelides e agarrai-me a escrava;/ aliás, mais agro transe, à força aberta/ a formosa Briseida eu vou tirar-lha”. / E com ríspidas ordens os despede.” (HOMERO. *Ilíada*, I 278-281.)

²⁹ CARDOSO. *A literatura latina*, p. 80.

permeados pelos signos da falta: desejo de quem não está ou não se entrega como conviria, nostalgia pelos bons momentos vividos outrora, ciúmes/ (des)confiança em relação à existência de rivais, anseios por notícias de quem não se sabe, muitas vezes, sequer se ainda vive...

Para Gianpiero Rosati, crítico italiano responsável pelo preparo de uma edição dessa obra ovidiana, ela se configura como “elegia no feminino” por importantes motivos. Dessa maneira, nota, tal coleção epistolográfica repete motivos à exaustão, como ocorria no *corpus* da elegia erótica romana, em que o desejo dava o tom onipresente apesar das inúmeras variações;³⁰ apresenta significativo fechamento dos horizontes experienciais das protagonistas, pois não as conseguimos imaginar, em seu ardor afetivo, capazes de desligar-se por inteiro dos amados a não ser no caso de alguma ruptura brusca (suicídio, morte acidental motivada pela busca de concretização do amor, pena capital em decorrência de algum delito cometido em decorrência dos afetos...);³¹ manifesta, no tocante ao *ethos* e à geral caracterização das personagens femininas esboçadas, seu rebaixamento de alturas, amiúde, épicas e trágicas para o tom menor elegíaco, antes de mais nada definido pelo âmbito comezinho das pequenas disputas, questões e impasses amorosos (nesse caso, basta-nos pensar que, de fato, a entrada do mito na elegia erótica romana, periférica no cotejo com a prevalência nela das personagens dos “dramas” amorosos a cada vez postos em destaque por cada autor – um Propércio e sua Cíntia, um Tibulo e sua Délia/ Nêmesis, um Ovídio e sua Corina –, de fato não favorece a elevação genérica para além dos modestos limites expressivos especificamente almejados);³² privilegia a abordagem da temática “chorosa”, isto é, de insatisfação e até profundo sofrimento afetivo, de um modo claramente afim aos assuntos de que trataram os elegíacos (*flendus amor meus est: elegi quoque flebile carmen* – epístola de Safo a Fáon, XV 7).³³

Todas as *epistulae*, acrescenta ainda Rosati, enfatizam a profunda diferença que se punha entre os sexos nas sociedades antigas, cabendo ao homem movimentar-se com maior liberdade (inclusive satisfazendo-se sem empecilhos com objetos eróticos externos aos laços matrimoniais ou de fidelidade algum dia constituídos com as heroínas-autoras da coletânea em jogo – não cederá Ulisses aos encantos de Calipso durante uma temporada de *oito anos* na ilha de Ogígia?) e dispor de mais estratégias legitimadas para afirmar-se, recorrendo, mesmo, ao uso da força.³⁴ Ora, o panorama dos relacionamentos intersexuais estabelecido na elegia erótica romana, como vimos, caracterizava-se quase sempre pela inversão desse quadro, nela cabendo à mulher o papel do domínio e, ao homem, o de sujeitar-se. Assim, obviamente não assistíamos tanto à fraqueza da mulher

³⁰ ROSATI. Epístola elegíaca e lamento femminile, p. 30-31.

³¹ ROSATI. Epístola elegíaca e lamento femminile, p. 31-34. (No mito grego, resulta do incesto entre Cânace – protagonista de uma das cartas das *Heroides* – e Macareu, seu irmão, a ordem de suicídio do pai à moça).

³² ROSATI. Epístola elegíaca e lamento femminile, p. 34-35.

³³ “É deplorável o meu amor, e a elegia é triste.” (ROSATI. Epístola elegíaca e lamento femminile, p. 35-36.) (minha tradução.)

³⁴ ROSATI. Epístola elegíaca e lamento femminile, p. 3 *et seq.*

naquele contexto,³⁵ mas, tomando o mundo “real” de Roma antiga para parâmetro, as tentativas de “negociação” entre um lado/sexo mais forte e outro mais fraco persistiam, mesmo a custo da flagrante afeminação do homem. Isso significa, mais uma vez propondo paralelos entre o universo elegíaco em si mesmo compreendido e o plano reelaborado das *Heroides*, que sempre se há de ver, por um lado, um dos sexos em ganho e outro em desvantagem por motivos de ordem passional.

Tais padrões, dada a inegável harmonia entre todas as epístolas atribuídas às mulheres das *Heroides*, também se fazem presentes na de Medeia. Se tivéssemos, assim, de dividi-la em partes a fim explicar-lhe a estrutura, poder-se-ia dizer que ela começa com algumas expressões gerais do arrependimento e da mágoa da heroína ao dirigir-se a um Jasão, naquele ponto, já casado com a filha do rei Creonte de Corinto: melhor lhe seria, assim, nunca se fazendo amante dos louros cabelos, da fala doce e da elegância do moço, ter morrido antes de arrostar toda a série de violências, traição aos seus, rebaixamento de *status* (em Corinto, Medeia tornara-se uma simples “dona de casa” bárbara refugiada com o “esposo”, enquanto, na Cólquida natal, desfrutava das prerrogativas da realeza e da descendência divina do próprio Sol) e fuga;³⁶ em seguida, “consolada” por ao menos poder lançar à face de um óbvio traidor os muitos benefícios passados que ele recebera por seu exclusivo e voluntário intermédio, Medeia fala da chegada dos inexperientes Argonautas ao reino outrora feliz de seu pai, de sua visão inicial e arrebatadora de Jasão e da imposição das duras provas iniciáticas a ele por Eetes;³⁷ e, sem poder dormir de amor misturado ao medo de perder o moço para a morte, ela passa uma noite amarga, molhando o travesseiro com lágrimas copiosas: mesmo sua irmã, recorda, comovida com a sina dos gregos caso alguém não lhes prestasse socorro (e sabendo-a sacerdotisa poderosa, bem como senhora do uso de filtros mágicos), viera pedir-lhe a intercessão sobrenatural a fim de auxiliá-los.³⁸

Dessas passagens iniciais da epístola, parece-nos sobressair-se o grande poder sedutor de Jasão, em parte devido, segundo dão a entender as palavras sobre sua beleza, a dotes naturalmente tidos. Isso justifica, num paralelo temático possível com o universo da elegia erótica romana típica, a imediata e duradoura “captura” da heroína pelo herói através da via de acesso da visão:

³⁵ A elegia erótica romana, porém, é nuançada até neste aspecto supostamente “compacto” do desequilíbrio de poderes entre os sexos. Assim, conforme demonstramos num artigo recente, o terceiro poema properciano do *monobiblos* apresentava, na verdade, *Cintia* chorosa pela temporária preterição do amante. (TREVIZAM. As falhas do modelo: Propércio I 3 e a inversão de poderes no imaginário elegíaco, p. 129 *et seq.*).

³⁶ OVÍDIO. *Heroides*, v. 1-20.

³⁷ OVÍDIO. *Heroides*, v. 21-50

³⁸ OVÍDIO. *Heroides*, v. 51-66.

*Cynthia prima suis miserum me cepit ocellis,
 contactum nullis ante cupidinibus.
 Tum mihi constantis deiecit lumina fastus
 et caput impositis pressit Amor pedibus,
 donec me docuit castas odisse puellas* 5
*improbis et nullo uiuere consilio.*³⁹

*Tunc ego te uidi, tunc coepi scire, quis esses;
 illa fuit mentis prima ruina meae.
 Et uidi et perii nec notis ignibus arsi,
 ardet ut ad magnos pinea taeda deos.
 Et formosus eras, et me mea fata trahebant:* 35
*abstulerant oculi lumina nostra tui.*⁴⁰

Apesar da troca da imagética bélica em Propércio pela ígnea no Ovídio autor das *Heroides*, em conformidade com a natureza ancestral de Medeia (neta do Sol) e recorrentemente evocada ao longo desta epístola, os dois excertos oferecem a mesma concepção do apaixonar-se como irresistível arrebatamento dos sentidos. Por outro lado, não nos parece sem importância dizer que Cíntia, a bela properciana, também contava entre os atributos de sedução, além das madeixas douradas (II 2, 5), com habilidades discursivas (I 2, 27-28), do ponto de vista da conquista amorosa, bastante convincentes.⁴¹

No prosseguimento dessa epístola, assistimos ao encontro de Jasão e Medeia num bosque obscuro e ao hábil pedido de socorro dele a ela, convencendo-a das vantagens afetivas do auxílio naquela hora de ter de afrontar as provas necessárias, segundo os planos de Eetes, à cessão do velocino de ouro.⁴² Os versos 93 a 116, por sua vez, relembram a benéfica interferência mágica de Medeia para favorecer a derrota dos touros de pés e chifres de bronze pelo amado, bem como o papel da mulher no adormecimento do dragão que protegia o velo. Nesse ponto, interessam-nos as seguintes palavras de rebeldia passional da heroína:

³⁹ “Cíntia, com seu olhar, foi a primeira que me enfeitiçou/ (infeliz, não tocado anteriormente por nenhuma [forma de paixão])./ O Amor, então, abateu-me o brilho da firme altivez,/ dominou minha cabeça, calcando os pés sobre ela/ e ao mesmo tempo me ensinou, falso que é,/ a ter ódio das moças honestas e a viver sem pensar.” (PROPÉRCIO. *Elegias*, I 1.) (tradução de Zelia de A. Cardoso.)

⁴⁰ “Logo que te vi, comecei a saber quem eras;/ aquela foi a primeira queda de minha mente./ Vi-te, fiquei perdida e ardi com chama desconhecida,/ como arde uma tocha de pinho junto aos grandes deuses./ Eras belo e meu destino me arrastava:/ teus olhos arrebataram os meus.” (OVÍDIO. *Heroides*, XII 31-36.) (minha tradução).

⁴¹ CARDOSO. A representação da mulher na poesia latina, p. 272-276.

⁴² Cf. nota 36.

Illa ego, quae tibi sum nunc denique barbara facta, 105
nunc tibi sum pauper, nunc tibi uisa nocens,
flammea subduxi medicato lumina somno
et tibi, quae raperes, uellera tuta dedi.
Proditus est genitor, regnum patriamque reliqui,
munus in exilio quodlibet esse tuli. 110
Virginitas facta est peregrini praeda latronis;
optima cum cara matre relicta soror.
At non te fugiens sine me, germane, reliqui!
Deficit hoc uno littera nostra loco.
*Quod facere ausa mea est, non audet scribere dextra.*⁴³ 115

Na verdade, optando por adentrar o perigoso mundo cujas portas começavam a ser-lhe entreabertas por Jasão, Medeia abandona a estabilidade e o caráter sagrado dos elos a vinculá-la aos seus para fazer-se, sob uma perspectiva conservadora, simples amante de um estrangeiro qualquer. Os costumes romanos, porém (que se desafiavam frontalmente na elegia erótica romana!), queriam o acato aos laços familiares *legítimos* como base de toda a probidade moral dos indivíduos.⁴⁴ Isso significaria, assim, jamais optar por colocar acima da função cívica e sagrada do casamento,⁴⁵ como polo gerador de cidadãos, o ímpeto de unir-se amorosamente com alguém por mero desejo de atender a impulsos passionais. Além disso, o mesmo respeito à tradição preconizava que se honrassem invioladamente os genitores e o sangue familiar de cada indivíduo do nascimento até a morte.

Ora, as amadas dos elegíacos latinos não eram, obviamente, suas mulheres legítimas: construindo-se esse espaço fictício sob a marca do contraste com o “mundo real”, como vimos, a imagem do amor compromissado a oferecer-se em seus versos prescindia por definição de qualquer regularidade. Cíntia, Nêmesis e Corina, provocantes e tratadas nos poemas com demasiado ardor para serem esposas dos poetas-amantes a celebrarem-nas, davam claras mostras de não poderem corresponder existencialmente a respeitáveis matronas romanas.⁴⁶ Volúveis, portanto, dividiam seu tempo e atenções entre mais de um jovem; por vezes venais, sabiam desimpedidas trocar de parceiro caso surgisse algum pretendente mais capaz de presenteá-las com luxo; demasiado instruídas nos atributos da vida mundana, mostravam-se, talvez, um tanto próximas da imagem das cortesãs da

⁴³ “Eu, que agora enfim me tornei bárbara para ti,/ agora sou pobre para ti, agora pareci-te prejudicar,/ com um sono enfeitado os olhos inflamados subjuguiei/ e dei-te em segurança o velo para roubares./ Meu pai foi traído, o reino e a pátria deixei,/ suportei ser no exílio um prêmio qualquer./ A virgindade foi presa de um ladrão estrangeiro,/ uma ótima irmã foi deixada com a mãe querida!/ Mas, irmão, não te abandonei sem mim ao fugir!/ Apenas nesta parte minha carta se cala./ O que minha mão ousou fazer, não ousa escrever.” (OVÍDIO. *Heroides*, XII 105-115.) (minha tradução)

⁴⁴ VEYNE. O império romano, p. 40-41.

⁴⁵ “Para existir casamento, era preciso que marido e mulher tivessem o mesmo nível, o mesmo valor aos olhos dos deuses e dos homens. As relações carnis que a urbe exigia deles – pois o casamento se realiza ‘para gerar filhos’, como lembram os censores em cada recenseamento da população – não bastavam para constituir o matrimônio.” (GRIMAL. *O amor em Roma*, p. 65.)

⁴⁶ FEDELI. *Bucolica*, lirica, elegia, p. 114-124.

comédia antiga, cujos saberes ultrapassavam vantajosamente o quinhão da maternidade e dos cuidados da casa que correspondia à máxima formação desejável das esposas castas... No entanto, era figuras assim (como Cíntia) que se chegava a definir nos termos seguintes:

É sem dúvida uma mulher rara, como o próprio amante o afirma (I, 8, 42). É a razão de sua existência (I, 11, 22), a fonte de sua inspiração (II, 1, 4), a causa de suas alegrias e tristezas (I, 11, 26). É sua família (I, 11, 23), sua esposa (II, 6, 42), sua vida, sua luz. É a glória de Roma (II, 3, 43), o tema de sua poesia (II, 1; 11 e 34), seu primeiro e último amor (I, 12, 20), seu único amor.⁴⁷

No intervalo 117-132, assistimos a uma Medeia, já, a caminho da Grécia por perigosa rota marítima e capaz da segunda morte em suas tentativas de favorecer a Jasão: depois de Apsirto, seu irmão, assassinado ainda na terra colca, a maga evoca, aqui, o episódio do parricídio de Pélias pelas iludidas filhas. Acreditamos em que um *topos* elegíaco, a que se denomina *militia amoris*, oferece-nos alguma possibilidade de cotejo, sobretudo com o detalhe da fuga em viagem da Cólquida.

Esse “tema típico” da elegia vinculava-se a aproximar em parte as duras provas necessárias, da parte do jovem amante, à conquista e à manutenção do amor da bela naquela produção literária das pesadas vicissitudes a que se sujeitavam reais soldados nos campos de batalha antigos.⁴⁸ Explica-se: como vimos, quando ressaltamos o *completo* aprisionamento dos amantes-poetas elegíacos pela *nequitia* amorosa que os solicitava como condição *sine qua non* de sua “estranha” forma de vida, essas personagens recusavam-se terminantemente a seguir qualquer trajetória pessoal pautada por valores como a utilidade e a anuência aos valores comuns do povo romano. Assim, “desobrigados”, em seu mundo regido por regras próprias, de pegar em armas cortantes a fim de enfrentar os inimigos concretos de Roma, esses jovens, todavia, punham-se às vezes “sob as ordens” de suas amadas para o desempenho em campanhas eróticas a demandarem, à sua maneira, razoável gasto de energias do corpo e da mente. Muito embora se pudessem citar várias passagens da elegia típica a manifestarem atualizações desse *topos*, acreditamos não conhecer nenhuma tão eloquente e clara quanto os seguintes versos da *Ars amatoria* ovidiana, obra, como nos explicam os críticos,⁴⁹ quase que inteiramente alimentada por *topoi* e situações vigentes desde a poesia amorosa de Propércio e Tibulo:

*Militiae species Amor est: discedite, segnes;
non sunt haec timidis signa tuenda uiris.
Nox et hiems longaeque uiae saeuique dolores
mollibus his castris et labor omnis inest.
Saepe feres imbrem caelesti nube solutum
frigidus et nuda saepe iacebis humo.
Cynthus Admeti uaccas pauisse Pheraei
fertur et in parua delituisse casa.*

⁴⁷ CARDOSO. A representação da mulher na poesia latina, p. 275.

⁴⁸ FEDELI. Bucolica, lírica, elegia, p. 114-115.

⁴⁹ PERUTELLI. Epica e poesia didascalica, p. 58.

*Quod Phoebum decuit, quem non decet? Exue fastus,
 curam mansuri quisquis Amoris habes.
 Si tibi per tutum planumque negabitur ire
 atque erit opposita ianua fulta sera,
 at tu per praeceps tecto delabere aperto,
 det quoque furtivas alta fenestra vias.
 Laeta erit et causam tibi se sciet esse pericli;
 hoc dominae certi pignus Amoris erit.⁵⁰*

O candidato a amante de uma *puella* ignota no contexto da *Ars*, assim, empenha-se passando com coragem por perigos a fim de juntar-se à moça quase inacessível. Nas passagens que destacamos, abrem-se, pelas imagens de arrostar caminhos longos, o elemento líquido (chuva/ mar agitado na epístola de Medeia – v. 125-126) e riscos corporais (altura/ sanha devoradora dos cães de Cila, fabuloso monstro das águas naquele mesmo contexto – v. 123-124) em nome de uma união magneticamente “comandada” pelo objeto do desejo, possíveis paralelos entre mundo elegíaco regido pela *militia amoris* e mundo epistolar da heroína colca.

Os versos 133-158 da carta que analisamos, por sua vez, tratam de apresentar, pela fala de Medeia, a dolorosíssima cena do alegre cortejo de casamento entre Jasão e Creúsa a chegar a seus ouvidos, com demonstrações autodestrutivas (a exemplo de dilacerar as vestes, o peito e o rosto com as unhas – v.) não incomuns, “no masculino”, num poeta como Sexto Propércio (II, 17).

Depois, em meio a lembranças arrependidas de sua má conduta (sempre motivada pelo amor a Jasão) para com a família, que contrasta com a “merecida” sina de abandono no momento de enunciação da carta, Medeia não deixa de explodir em ciúmes e revolta contra o ex-companheiro:

*Quos ego seruaui, paelex amplectitur artus,
 et nostri fructus illa laboris habet.
 Forsitan et, stultae dum te iactare maritae
 quaeris et iniustis auribus apta loqui,
 in faciem moresque meos noua crimina fingas:
 rideat et uitiiis laeta sit illa meis!
 Rideat et Tyrio iaceat sublimis in ostro –* 175

⁵⁰ “O Amor é uma espécie de milícia. Desertai, indolentes!/ Não cabe a homens medrosos defender tais estandartes;/ a noite, o inverno, longas caminhadas, dores cruéis/ e todo cansaço há neste suave acampamento;/ frequentemente suportarás enregelado os aguaceiros de um céu encoberto,/ frequentemente te deitarás no chão duro./ Conta-se que o Cíntio apascentou as vacas de Admeto de Feras,/ ocultando-se num pequeno casebre:/ o que foi conveniente a Febo, a quem não seria? Despoje-se de todo orgulho/ quem quer que se preocupe com a longa duração do Amor./ Se te foi negada a segurança do acesso direto e te impede uma porta trancada,/ desce pela vertiginosa abertura do teto;/ também as altas janelas ofereçam vias furtivas./ Alegregar-se-á a senhora e saberá que constitui motivo de risco para ti:/ isso será garantia de Amor certo para a líder.” (OVÍDIO. *Ars amatoria*, II 233-248, minha tradução.)

flebit et ardores uincet adusta meos!
Dum ferrum flammaeque aderunt sucusque ueneri,
*hostis Medae nullus inultus erit.*⁵¹

180

Na elegia típica, as dores dos amantes por saberem-se trocados por rivais constituem, na verdade, um dos motivos mais trabalhados. Um conhecido poema de Tibulo (II 3), assim, lamenta a perda da venal Nêmesis, sua *puella* após o rompimento com Délia, para um novo-rico, que, no entanto, cumula-a de presentes caros ao gosto dela.⁵² Por outro lado, marcam à sua maneira presença em Propércio e outros poetas inclusive a agressividade resultante da frustração dos anseios amorosos e a recorrência à magia para o alívio das dores oriundas da paixão:

Como nos recorda Gianluigi Baldo, a referência a situações de agressão física à *puella* pelo amante surge com variações nos *Amores* de Ovídio (I,7), em Propércio (II, 5, 21ss.) e em Tibulo (I, 10, 53 e ss.), constituindo-se em exemplo de violação ao código de comportamento elegíaco no plano do *obsequium*, isto é, da tolerância absoluta para com a amada em suas faltas e excessos.⁵³

No tocante, especificamente, ao uso da feitiçaria para influenciar aspectos decorrentes da relação amorosa, lembramos, no primeiro poema do *Monobiblos* properciano, a recorrência, mesmo que jocosa e algo distinta das sérias ameaças de Medeia de empregar seus saberes para a absoluta destruição da rival, o direcionamento de *Ego* (o próprio apaixonado elegíaco) aos poderes de uma terrível encantadora, capaz, imagina, naquele ponto de enamorar-se ele perdidamente e sem muitas esperanças por Cíntia, de ganhá-lhe o coração da moça.⁵⁴

A penúltima passagem dessa epístola (v. 183-206) corresponde à humilde súplica de Medeia diante de um Jasão, como de regra na elegia erótica romana, a manifestar-se frio e inflexível. Assim, apesar de dever a essa mulher o fato mesmo de ainda estar vivo, Jasão desrespeita a palavra dada e endossada por Medeia na hora de sua extrema necessidade (*fidem*, v. 194), a segurança futura de seus próprios filhos (v. 187-188), a contínua comoção dela diante da grande semelhança entre os meninos e o pai (v. 190), o precioso “dote” um dia oferecido por ela e identificado com o velocino de ouro (v. 201-202), a promessa

⁵¹ “Os membros que eu salvei, uma amante enlaça,/ ela tem os frutos de nosso esforço./ Talvez também, enquanto buscas gabar-te à tola esposa/ e falar palavras apropriadas a ouvidos injustos,/ inventes novas máculas contra minha aparência e meus costumes:/ que ela ria e se alegre com meus defeitos!/ Ria e deite-se altiva em púrpura tória –/ chorará e vencerá abrasada os meus ardores!/ Enquanto houver ferro, fogo e sumos venenosos,/ nenhum inimigo de Medeia ficará impune.” (OVÍDIO. *Heroides*, XII 173-182.) (minha tradução)

⁵² SHEA. *Delia and Nemesis: the elegies of Albius Tibullus*, p. 107et seq.

⁵³ TREVIZAM. *A elegia erótica romana e a tradição disdáclica como matrizes compositivas da “Ars amatoria” de Ovídio*, p. 61.

⁵⁴ *At uos, deductae quibus est fallacia lunae/ et labor in magicis sacra piare focus,/ em agedum dominae mentem conuertite nostrae/ et facite illa meo palleat ore magis.* – “Vós, porém, que conheceis as bruxarias para [dominar a lua/ e a arte de fazer sacrifícios em altares mágicos,/ eia, vamos, transformai o coração da minha amada/ e fazei que ela se torne mais pálida ainda que meu [próprio rosto” (PROPÉRCIO. *Elegias*, I 19-22.) (tradução de Zelia de A. Cardoso)

de cessarem todos os rancores apenas com o retorno dele ao papel esperado de fiel companheiro (v. 193).

Sobre o ponto específico de essa amante mostrar-se *fida* (confiável, cumpridora da palavra dada, respeitadora dos laços para com o outro), trata-se de uma contradição dos amores de tipo elegíaco. Com efeito, no interior do imaginário constituído por essa produção de poesia amorosa, embora se buscasse “rejeitar” as regras do mundo externo – por exemplo, na recusa a algum frio casamento do homem com uma matrona honesta –, os autores não lograram elaborar um sistema ideológico de todo independente dele, ocorrendo, assim, a importação de valores caracteristicamente associáveis a *mos maiorum*.⁵⁵ Ora, nas relações humanas em geral, o tradicional código de conduta dos latinos tinha por inviolável o acato à fé dada e recebida no momento de se estabelecerem os pactos de toda natureza. Ocorre, porém, que, dadas as características de personalidade dos objetos de desejo dos elegíacos⁵⁶ (ou de uma Medeia, nas circunstâncias de que tratamos aqui), cobrar o respeito à boa-fé demonstrada para consigo soa algo deslocado, como se, enfim, houvesse a plena e ingênua desconsideração da inconstância e do grau diferente, mesmo, dos sentimentos em jogo.

A sequência final do poema-epístola, enfim, desvela-nos algo da sanha vingadora de Medeia, pois, sem saber ainda o que fará – sacrificar os próprios filhos e a família real coríntia –, promete entregar-se nas mãos do deus que lhe agita o peito (*Eros* ferido? – v. 211) a fim de tomar uma justa reparação... de que depois, talvez, arrepender-se-á (v. 209). Mesmo este final de colorações trágicas revela algo da face elegíaca de Medeia, julgamos, na medida em que decerto lhe bastaria o retorno de Jasão, sempre tão *desejado*, ao leito e ao lar para apaziguá-la por inteiro. Ora, para os elegíacos romanos típicos, a felicidade amorosa diante do objeto do desejo, embora episódica, identificava-se com o pináculo da felicidade sobre a Terra,⁵⁷ mesmo que, para isso, tivessem sempre de relevar duras e reiteradas ofensas.

Isso posto, a caracterização de Medeia na presente epístola parece, decisivamente, minimizar a face “anormal” da feiticeira bárbara dominada, acima de tudo, pelo orgulho para aproximá-la de correntes visões antigas do feminino como reino do passional.⁵⁸ Nisso, porém, ela não se afasta muito de suas outras amarguradas “irmãs” da harmônica coletânea das *Heroides*, e, como herdeira do imaginário elegíaco romano, sequer das *personae* dos amantes masculinos “afeminados”, devotados e calorosos por inteiro daquela rica produção. Em se tratando, porém, de *Eros*, a causa de tamanho(s) desconcerto(s), que grandes culpas se lhe(s) podem imputar? 

⁵⁵ BOUCHER. *Études sur Properce: problèmes d’inspiration et d’art*, p. 94.

⁵⁶ TREVIZAM. *A elegia erótica romana e a tradição didacálica como matrizes compositivas da “Ars amatoria” de Ovídio*, p. 115-116.

⁵⁷ “It can function, therefore, both as polite refusal of Messalla’s invitation to join him in a military campaign and as a plea to Delia to join the poet in the simple joys of country life, while they are both young enough to enjoy the delights of making love.” (SHEA. *Delia and Nemesis: the elegies of Albius Tibullus*, p. 2.)

⁵⁸ *Parcior in nobis nec tam furiosa libido:/ legitimum finem flamma virilis habet.* – “Nosso desejo é menos violento, e não tão insano:/ a chama viril tem um limite conveniente.” (OVÍDIO. *Ars amatoria*, I 281-282. (minha tradução)

R É S U M É

Dans ce texte, nous avons le but de montrer comment la caractérisation de Médée à la XII^{ème}. épître des *Héroïdes* d'Ovide la rend prochaine non seulement de ses “copines” au même ouvrage, mais, aussi, du caractère des jeunes hommes passionnés, tel qu'on les voit au genre de l'élégie érotique romaine. De cette façon là, ce qui est rare à la littérature latine, ce personnage de “criminelle accomplie” se montre, ici, sous des couleurs même moins mauvaises que celles de Jason, l'aimé perjure, cruel et déshumain qui la trahit; au déroulement du mythe, alors, l'infanticide et l'extermination de la famille royale de Corinthe se configurent, pour Médée passionnée, comme des conséquences d'une faute à *autrui*.

M O T S - C L É S

Héroïdes d'Ovide, élégie érotique romaine, passion, personnages, Médée

R E F E R Ê N C I A S

- BOUCHER, Jean-Paul. *Études sur Proserpine: problèmes d'inspiration et d'art*. Paris: E. de Boccard, 1965.
- BRUNEL. *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekund *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CARDOSO, Zelia de A. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CARDOSO, Zelia de A. A representação da mulher na poesia latina. In: FEITOSA, Lourdes C.; FUNARI, Pedro Paulo de A.; da SILVA, Glaydson José (Org.). *Amor, desejo e poder na Antiguidade*. Campinas: UNICAMP, 2003. p. 261-295.
- CATULO. *O livro de Catulo*. Tradução, introdução e notas de João A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.
- CONTE, Gian Biaggio. Love without elegy: the “Remedia amoris” and the logic of a genre. In: CONTE, Gian Biaggio (Org.). *Genres and readers: Lucretius, love elegy, Pliny's Encyclopedia*. Translated by Glenn W. Most. Baltimore/ London: The Johns Hopkins University Press, 1994. p. 35-66.
- EURÍPIDES; SÊNECA; RACINE. *Hipólito e Fedra*. Estudo, tradução e notas de Joaquim Brasil Fontes. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- FEDELI, Paolo. Bucolica, lirica elegia. In: MONTANARI, Franco (Org.). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1991. p. 77-131.
- GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- GRIMAL, Pierre. *O amor em Roma*. Trad. Hildegard Fernanda Feist. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Odorico Mendes, prefácio e notas de Sálvio Nienkötter. Campinas: Unicamp; Cotia: Ateliê Editorial, 2008.

- NERI, Maria Luiza; NOVAK, Maria da Glória (Org.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- OVIDIO. *L'arte di amare*. A cura di Emilio Pianezzola. Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori, [s. d.].
- OVIDIO. *Lettere di eroine*. Introduzione, traduzione e note di Gianpiero Rosati. Milano: Rizzoli, 1998.
- OVIDIO. *Metamorfosi*. A cura di Piero Bernardini Marzolla, con un saggio di Italo Calvino. Torino: Einaudi, 1994.
- PERUTELLI, Alessandro. Epica e poesia didascalica. In: MONTANARI, Franco (Org.). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1991. p. 11-75.
- RINNE, Olga. *Medeia: o direito à ira e ao ciúme*. Trad. Margit Martincic e Daniel Camarinha da Silva. São Paulo: Cultrix, 2010.
- ROSATI, Gianpiero. Epistola elegiaca e lamento femminile. In: OVIDIO. *Lettere di eroine*. Introduzione, tradução e note di Gianpiero Rosati. Milano: Rizzoli, 1998. p. 5-63.
- SHEA, George W. *Delia and Nemesis: the elegies of Albius Tibullus*. Lanham: University Press of America, 1998.
- TITVS LIVIVS. *Ab Vrbe Condita Libri – Liber I*. Texte établi et traduit par Gaston Baillet. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- TREVIZAM, Matheus. *A elegia erótica romana e a tradição didascalica como matrizes compositivas da "Ars amatoria" de Ovídio*. 2003. 280 f. Dissertação de mestrado inédita, submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL-Unicamp. Campinas: Unicamp, 2003.
- TREVIZAM, Matheus. As falhas do modelo: Propércio I 3 e a inversão de poderes no imaginário elegiaco. *Nonada*, Porto Alegre, v. XI, p. 129-146, 2009.
- VEYNE, Paul. O império romano. In: VEYNE, Paul. *História da vida privada*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.